

A Era da Incerteza: disrupção, democracia e o futuro global

KAKUTANI, Michiko. **The Great Wave: The Era of Radical Disruption and the Rise of the Outsider**. 1ª ed. Nova York: Crown, 2024.

Geverson Ampolini*

Introdução

Michiko Kakutani é uma das críticas literárias mais influentes de sua geração. Atuando como crítica de livros no *The New York Times* desde 1983, seu estilo incisivo e rigoroso marcou a crítica literária contemporânea. Em 1998, foi agraciada com o Prêmio Pulitzer de Crítica, reconhecida por sua escrita apaixonada e inteligente sobre literatura e livros contemporâneos (Pulitzer, s.d.).

Seu trabalho abrangeu desde a literatura pós-moderna até reflexões sobre memórias e narrativas históricas, sendo conhecida por sua escrita direta e por não hesitar em expressar opiniões contundentes, o que lhe rendeu tanto admiração quanto críticas. Seu estilo analítico abordava não apenas as obras em si, mas também o impacto cultural e social dos livros e seus autores (Pulitzer, s.d.).

Na introdução, Kakutani usa a gravura “A Grande Onda de Kanagawa”, de Hokusai, como metáfora para a instabilidade do mundo atual. A onda simboliza forças destrutivas e turbulências históricas, enquanto o Monte Fuji representa estabilidade e resiliência.

Relaciona crises globais – pandemia, mudanças climáticas, autoritarismo e avanços em IA – a períodos históricos de transformação, mostrando como desafiam estruturas tradicionais e

impulsionam outsiders como agentes de ruptura. O livro propõe uma análise da era VICA (Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade), destacando como esse cenário pode levar tanto ao colapso quanto à renovação democrática, incentivando novas formas de organização social e econômica para enfrentar desafios contemporâneos.

O Mundo em um Momento Decisivo

No Capítulo 1: Um momento de virada, Michiko Kakutani analisa a crise contemporânea como um momento de transição histórica, citando Gramsci: “O velho está morrendo e o novo não pode nascer”. O mundo enfrenta crises interligadas – políticas, econômicas, sociais e ambientais – que reforçam a sensação de caos constante. Exemplos incluem a pandemia de COVID-19, a invasão da Ucrânia e a ascensão de regimes autoritários. A autora utiliza o conceito de “VICA-Verso” (Volatilidade, Incerteza, Complexidade e Ambiguidade) para ilustrar a imprevisibilidade do cenário global, no qual as crises se amplificam mutuamente.

A democracia estaria ameaçada pelo crescimento do populismo e do autoritarismo, evidenciado nos EUA pelo ataque ao Capitólio em 6 de janeiro de 2021 e os esforços de Donald Trump para minar instituições democráticas. E traça paralelos entre o presente e crises históricas como a

* Mestre em Políticas Sociais e Dinâmicas Regionais (Unochapecó/SC). Pesquisador RCEPRS/Unochapecó. E-mail: gevers@unochapeco.edu.br.

Grande Depressão e o período entre guerras, sugerindo que, embora momentos de crise tragam riscos, também podem impulsionar transformações positivas, como o *New Deal* de Roosevelt. O futuro dependerá de ações decisivas para enfrentar desafios globais e reformular sistemas sociais e econômicos.

No Capítulo 2: Piratas e o Novo *Frankenstein*, a explora o impacto dos outsiders na derrubada de instituições tradicionais e na promoção de mudanças radicais. Usando metáforas de pirataria e monstros, analisa figuras disruptivas como Steve Jobs, cujo lema “é melhor ser um pirata do que se juntar à marinha” simboliza o espírito rebelde do Vale do Silício. Grandes empresas de tecnologia, antes inovadoras e libertadoras, tornaram-se monopólios, concentrando poder de forma alarmante.

A tecnologia, comparada ao “monstro de Frankenstein”, trouxe benefícios, mas também gerou desinformação, vigilância massiva e polarização política. O colapso financeiro de 2008 aprofundou a desconfiança nas instituições tradicionais, abrindo espaço para populistas como Trump explorarem essa alienação. A descentralização proporcionada pela internet permitiu que artistas, influenciadores e ativistas se destacassem fora dos meios convencionais, mas também amplificou discursos extremistas e informações falsas.

E destaca como a tecnologia, ao mesmo tempo que democratiza e empodera, pode criar novas formas de controle e desigualdade e seu impacto dependerá de como a sociedade lida com suas consequências.

A Revolução Cultural na Era Digital

No terceiro capítulo, A Cultura no Novo Milênio: Quando as Margens Substituíram o Centro, analisa como a cultura contemporânea passou por um processo de descentralização, rompendo com a hegemonia tradicional das elites midiáticas e permitindo que vozes periféricas emergissem.

A internet e as redes sociais desempenharam um papel crucial nesse fenômeno, proporcionando espaço para criadores independentes e narrativas alternativas. Movimentos sociais como *Black Lives*

Matter, o feminismo e a luta LGBTQ+ impulsionaram essa transformação, trazendo visibilidade a questões antes marginalizadas.

As plataformas digitais democratizaram o acesso à produção cultural, permitindo que músicos, cineastas e escritores se destacassem sem depender de grandes corporações. Isso resultou em uma multiplicidade de narrativas, enriquecendo a cultura e desafiando conceitos tradicionais de autoria.

No entanto, essa descentralização também gerou desafios, como a fragmentação e a polarização, intensificadas pelos algoritmos das redes sociais. As instituições culturais tradicionais enfrentaram a necessidade de adaptação para se manterem relevantes, enquanto a cultura passou a ser cada vez mais entrelaçada com a política.

Apesar do avanço da diversidade de vozes, a cultura contemporânea enfrenta o desafio da bolha ideológica, onde diferentes grupos consomem conteúdos radicalmente distintos. Assim, o novo milênio é marcado pela convergência entre tecnologia, ativismo social e descentralização, mas também pela fragmentação do debate cultural e político.

No quarto capítulo, Janelas Quebradas e Portas Deslizantes: Como Radicais Destruíram a Janela de Overton, explora como ideias que antes eram limítrofes passaram a influenciar o discurso dominante. Utilizando o conceito da Janela de Overton, que define os limites do que é aceitável no debate público e mostra como forças disruptivas deslocaram ou ampliaram esses limites.

Tanto a extrema-direita quanto a extrema-esquerda utilizaram estratégias como a repetição constante de ideias radicais e a manipulação das redes sociais para normalizar discursos antes inaceitáveis. As redes sociais permitiram que esses movimentos amplificassem suas mensagens sem a intermediação da mídia tradicional, contribuindo para a ascensão de extremismos e teorias da conspiração.

Destaca o papel de líderes populistas, como Donald Trump, na ampliação dos limites do aceitável no discurso público (Janela de Overton). Suas declarações e ações desafiadoras ajudaram a legitimar discursos que antes eram considerados inapropriados, aprofundando a polarização política e fragmentando o consenso social.

A autora traça paralelos históricos, mostrando como ideologias extremistas prosperam em períodos de crise, quando a sociedade está mais suscetível a propostas radicais. Apesar dos perigos dessa expansão da Janela de Overton, também sugere que momentos de crise podem ser oportunidades para mudanças positivas, desde que a sociedade esteja atenta aos riscos da radicalização.

No quinto capítulo, *A Resistência Contra-Ataca: O Novo Ativismo de Base e o Poder da Disrupção*, examina a ascensão dos movimentos de resistência em resposta ao avanço de ideologias autoritárias. Esses movimentos são descentralizados e altamente digitalizados, utilizando a tecnologia para mobilização, financiamento e disseminação de informações.

Movimentos como *Black Lives Matter*, *Fridays for Future* e protestos contra regimes autoritários exemplificam como a resistência moderna atua em escala global. A descentralização dessas iniciativas dificulta a repressão por parte de governos, pois não há uma liderança centralizada que possa ser alvo direto.

Além do ativismo político, a resistência se manifesta na cultura, com artistas e influenciadores desafiando narrativas dominantes e promovendo mudanças sociais. No entanto, esses movimentos também enfrentam desafios, como fragmentação interna, desinformação e repressão estatal.

Apesar desses obstáculos, termina o capítulo em tom otimista, sugerindo que a resistência de base pode ser um motor para a renovação democrática. A capacidade de mobilização e inovação dos movimentos contemporâneos oferece um caminho para mudanças mais inclusivas e sustentáveis no futuro e conclui que os movimentos de resistência representam uma força essencial contra injustiças e autoritarismos, sendo protagonistas na redefinição dos rumos políticos e sociais do mundo contemporâneo.

Entre a Exaltação e a Rejeição dos Outsiders

Os capítulos sexto, sétimo e oitavo do livro de Michiko Kakutani exploram o papel dos outsiders, a descentralização e a subalternidade como motores de

mudança social, política e tecnológica nos Estados Unidos e no mundo.

No sexto capítulo, "Nação Fora da Lei: A Relação de Amor e Ódio da América com os Outsiders", Kakutani discute a relação ambígua dos EUA com aqueles que desafiam normas estabelecidas. O país foi fundado por outsiders e os mitifica em sua cultura — de cowboys a inventores — mas frequentemente reage com hostilidade quando eles ameaçam o status quo. Essa contradição é evidente em movimentos sociais como os direitos civis e o feminismo, que enfrentam resistência de setores conservadores.

A cultura americana exalta rebeldes, mas também vê outsiders como ameaças, especialmente quando questionam hierarquias raciais, de gênero ou econômicas. O fascínio por anti-heróis, como *hackers* e políticos disruptivos, reflete essa dualidade. A tecnologia amplificou tanto a voz dos marginalizados quanto a polarização social. No final, a autora sugere que as formas como os EUA lidam com essa tensão determinará seu futuro.

O sétimo capítulo, "A República Centrífuga: Por Que *Hackers*, Políticos e Líderes Empresariais Abraçaram a Descentralização", examina a ascensão da descentralização em diversas áreas, desde a política até a tecnologia. A busca por maior liberdade e inovação impulsionou o crescimento de blockchain e criptomoedas, desafiando bancos e governos.

Hackers e ativistas digitais usam a descentralização para expor abusos de poder, enquanto populistas e progressistas exploram essa dinâmica para desafiar instituições tradicionais. Grandes corporações adotam modelos descentralizados para se manterem competitivas, e a descentralização também impacta a mídia, fragmentando o consumo de informação e aumentando a desinformação. Embora tenha benefícios, como inovação e acesso igualitário, a descentralização também traz riscos, como a concentração de poder em novos grupos e a falta de regulamentação e questiona se essas mudanças realmente democratizam o poder ou apenas transferem sua influência para novas elites.

No oitavo capítulo, "Otimizando a Subalternidade: Outsiders e o Pensamento Fora da Caixa", analisa como a subalternidade e pode ser uma fonte de criatividade e inovação. Indivíduos a

margem das estruturas tradicionais desenvolvem perspectivas únicas, levando a soluções disruptivas. Cientistas, artistas e empreendedores teriam desafiado convenções e revolucionaram suas áreas.

A inovação frequentemente nasce de restrições e desafios, e muitos avanços tecnológicos surgiram de outsiders operando fora de grandes instituições. No entanto, a subalternidade também pode resultar em alienação e dificuldades no acesso a financiamento e apoio.

Destaca a necessidade de políticas inclusivas que desbloqueiem o potencial criativo dos socialmente excluídos, promovendo acesso à educação e recursos e muitas ideias inicialmente rejeitadas acabam sendo aceitas e integradas à cultura majoritária, impulsionando o progresso social e cultural.

Navegando a Grande Onda das Incertezas

O nono capítulo do livro aborda a resiliência como fator essencial para enfrentar um mundo marcado pela volatilidade, incerteza, complexidade e ambiguidade (VICA). Reflete sobre como indivíduos, organizações e sociedades podem se adaptar às rápidas mudanças da terceira década do século XXI, onde crises políticas, ambientais, tecnológicas e sociais exigem novas estratégias de sobrevivência.

A resiliência individual envolve aprendizado contínuo, saúde mental e física e o fortalecimento de redes de apoio. No nível organizacional, a flexibilidade e a inovação são fundamentais, destacando-se o uso de tecnologias, estruturas descentralizadas e uma cultura de experimentação. Em escala global, crises impulsionam avanços e exigem maior cooperação internacional para enfrentar desafios como mudanças climáticas e pandemias.

Sem resiliência, sociedades podem cair em extremismos e conflitos, tornando crucial o combate à desinformação e o fortalecimento do pensamento crítico. Apesar dos desafios, a autora mantém um tom otimista, enfatizando que crises podem servir como motores de progresso.

No epílogo, usa a metáfora da "Grande Onda" de Hokusai para simbolizar o equilíbrio entre caos e renovação. O futuro dependerá das escolhas feitas agora, exigindo ação decisiva para combater desigualdades, proteger a democracia e promover mudanças sustentáveis. Encerra o texto reforçando a capacidade humana de adaptação e inovação, incentivando uma mentalidade construtiva para moldar um futuro mais justo e sustentável.

Referências

KAKUTANI, Michiko. **Pulitzer Prizes**. Michiko Kakutani. Disponível em: <https://www.pulitzer.org/winners/michiko-kakutani>. Acesso em: 10 jan. 2024.